

A ESCOLA PÚBLICA E AS PRÁTICAS ESCOLARES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESPAÇO DE “EXPERIÊNCIA SOCIAL”

Rosicler Goedert
Doutora em Educação
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Este trabalho verificou a forma como a escola pública, entendida como “espaço de experiência social” (DUBET, 1994), produz uma “lógica das práticas” (BOURDIEU, 1980) de ensino de Educação Física, articuladas com a cultura do jovem e a receptividade que os docentes e a própria cultura da escola têm com a prática esportiva. A investigação trata da compreensão da juventude enquanto categoria sócio-histórica e cultural, observando as possibilidades de inserção do sujeito jovem escolar e o reconhecimento de sua condição de jovem mediante as práticas escolares no ensino de Educação Física em uma escola pública de Curitiba, Paraná/BR.*

RESUMEN

Este trabajo es verificado de qué forma la escuela pública, entendida como “espacio de experiencia social” (DUBET, 1994), produce una “lógica das prácticas” (BOURDIEU, 1980) de la enseñanza de Educación Física articulada con la cultura del joven y la receptividad que los docentes y la propia cultura de la escuela tienen con la práctica deportiva. . La investigación trata de la comprensión de la juventud encuanto categoría sociohistórica y cultural, observando las posibilidades de inserción del sujeto joven escolar y el reconocimiento de su condición de joven ante las prácticas escolares en la enseñanza de Educación Física de una escuela pública de Curitiba, Paraná/BR.*

ABSTRACT

This paper is a result the research the public school was an experimental space , which made it possible to study both the way this experimental space develops certain actions, and how some pedagogic strategies are articulated with the juvenile culture, and teachers´and the very school welcoming to those actions. This investigation leads to the understanding of youth as a social-historical and cultural category by observing a young scholar’s insertion possibilities and the recognition of his/her conditions while exercising in Physical Education classes in a public school in the municipality of Curitiba, Paraná State.*

- A PESQUISA “EM ESCOLA”: *considerações da experiência das incursões no campo de estudo*

Primeiramente é necessário destacar que ao realizar esta pesquisa com os/as jovens do Ensino Médio utilizando alguns elementos característicos da pesquisa “em escola”, pude visualizar a específica relação entre a *investigação de campo e o papel das teorias* na prática científica, reconhecida como a distinção entre o “contexto da descoberta” e o “contexto da prova” conforme nos situa LESSARD-HÉBERT, GOYETTE

* Tese apresentada em junho de 2005 no Programa de Pós-Graduação em Educação – Área Temática Educação, Cultura e Tecnologia , sob o título: “A cultura jovem e suas relações com a Educação Física Escolar”, correspondente à Linha de Pesquisa: Saberes, Cultura e Práticas Escolares – UFPR/Curitiba, PR, sob a orientação da Profª Drª Maria Auxiliadora Schmidt.

e BOUTIN (1990, p.96). Estes, destacam que as metodologias qualitativas são caracterizadas pela formulação de teorias interpretativas e prescritivas, como também pelo seu processo *indutivo exploratório*, caracterizado pelo ‘contexto da descoberta’. Neste contexto da descoberta, o investigador foca a *formulação* de teorias ou de modelos com base num conjunto de hipóteses que podem surgir quer no decurso quer no final da investigação. Ressaltam os autores, que quando se situa no contexto da prova, a atividade de investigação tem como objetivo principal a *verificação* de uma dada teoria, independente da maneira como esta foi elaborada ou formulada; as condições psicológicas (intuição, ‘insight’, ‘induction’), históricas ou sociais que presidiram à sua descoberta não são tomadas em conta (grifos meus).

Neste sentido, este estudo está inserido no ‘contexto da descoberta’, pois não tem a intenção de antecipar os resultados da análise com base em uma dada teoria, mas preocupava-me em, partindo do campo empírico de investigação, formular seu próprio percurso teórico. Pois, como confirma os estudos ERICKSON (1986, p.129) o controle das variáveis e a antecipação, tal como os encontramos tradicionalmente nas ciências naturais, “são operações impossíveis no estudo de sistemas de relações, em que a causa é mediada por símbolos, pois a tarefa do investigador na investigação interpretativa será antes a de *descobrir* o modo como as organizações sociais e a cultura, específicas de um meio ou comum a vários meios, influenciam as opções e as condutas das pessoas em ação”.

Foi mediante este percurso da descoberta que fui desvelando e identificando a insistente presença da cultura jovem na escola, junto às práticas escolares de Educação Física, num convívio que enredava, com muitas nuances, cultura jovem e cultura escolar. Nos primeiros tempos da investigação, as nuances desta ligação pareciam totalmente nebulosas e difíceis de explicitar. Em confronto com a teoria, pude ir percebendo e localizando este enredamento e suas gradações como um momento do processo relacional entre a infraestrutura e a superestrutura da sociedade, ou seja, como expressão da cultura de uma determinada sociedade, num determinado contexto. Como tal, requeria que sua análise fosse articulada aos processos básicos da formação social mais ampla, associados à realidade particularizada, não de forma abstrata, mas de maneira histórica, pois

As pessoas se vêem a si mesmas, uns aos outros, em relações pessoais diretas; as pessoas compreendem o mundo natural e se vêem dentro dele; as pessoas utilizam seus recursos físicos e materiais em relação com o que um tipo de sociedade explicita como ‘ócio’, ‘entretenimento’ e ‘arte’: todas estas experiências e práticas ativas, que integram uma grande parte da realidade de uma cultura e de sua produção cultural, podem ser compreendidas tais como são, sem serem reduzidas a outras categorias de conteúdo e sem a característica tensão necessária para enquadrá-las (diretamente como reflexos, indiretamente como mediação, tipificação ou analogia) dentro de outras relações políticas e econômicas determinadamente manifestas. Sem dúvida, com certeza, elas podem ser consideradas como elementos de uma formação social e cultural que para ser efetiva deve ampliar-se, incluir-se, formar e ser formada a partir desta área total de experiência vivida (WILLIAMS, 1992, p.110).

Nesta perspectiva, pude entender o ensino de Educação Física - visto como um conjunto de práticas e experiências – como um “lugar” de produção cultural. As produções culturais – as ações dos sujeitos e as estruturas sociais mais amplas, que se expressam sob a forma de interações – são objetivadas historicamente e podem ser analisadas a partir de um arcabouço teórico no domínio científico. Tais produções encerram um conceito de cultura que “incorpora não só as questões, mas também contradições através das quais se desenvolveu” (ibid,1969, p.71).

Assim, levando em conta estas contradições, o ensino de Educação Física na escola investigada – analisado como um espaço que produz formas de os sujeitos se verem, se compreenderem e compreenderem o mundo – tem suas práticas e experiências expressas sob a forma de interação. Neste sentido, a análise demanda de um repertório de enquadramentos e reflexões que possibilite ao pesquisador aproximar-se do significado do processo cultural, abordando-o de modo mais amplo a fim de explicitá-lo mais compreensivelmente no domínio científico. Este repertório envolve a investigação dos processos de interação de modo a determinar os sujeitos que os integram e quando e onde são desenvolvidos.

- O SUJEITO JOVEM ESCOLAR: *construindo uma categoria de análise*

Ao conviver no espaço escolar como pesquisadora, fui descobrindo e percebendo a presença do “sujeito jovem”¹, cujas expressões culturais integram a construção da disciplina escolar da Educação Física e são objetivadas em determinados processos experienciais, cujos interlocutores necessitavam ser desvelados.

Em um primeiro plano de interlocução, chamou atenção o contexto educacional brasileiro, que propõe o crescimento do Ensino Médio:

O momento que vive a educação brasileira nunca foi tão propício para pensar a situação de nossa juventude numa perspectiva mais ampla do que o destino dual. A nação anseia para superar privilégios, entre eles os educacionais, a economia demanda recursos mais qualificados. Essa é uma oportunidade histórica para mobilizar recursos, inventividade e compromisso na criação de formas de organização institucional, curricular e pedagógica que superem o *status* de privilégio que o Ensino Médio ainda tem no Brasil para atender com qualidade, clientela de origens, destinos sociais e aspirações muito diferenciadas (CEB/PARECER N.º 15/98, p.12-13).

Esta proposta educacional, que é reforçada pelo fenômeno chamado *onda de adolescente*, presente em recentes estudos demográficos realizados pela Fundação SEADE (INEP/MEC, 2003), obviamente, deriva de interesses econômicos, sociais e culturais, os quais geram práticas políticas para o termo “*juventudes*”² que são opostas em seu interior e em relação à totalidade social. A despeito destes interesses, valoriza-se o papel da escola para que esta assuma uma tarefa política de participar da construção histórica das próprias

¹ Cabe ressaltar que o “sujeito jovem” é tomado nesta pesquisa como pertencente ao grupo de idade de 15 a 24 anos, conforme vem se tornando convenção no Brasil para abordagem demográfica sobre a juventude. Esta convenção correspondente ao arco de tempo em que, de modo geral, ocorre o processo relacionado à transição para a vida adulta. Diversas instituições de pesquisa assim como os últimos estudos publicados no livro *Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional*, sob a organização de Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco, têm usado este recorte, sem deixar de alertar para a necessidade “de sempre relativizar tais marcos, uma vez que as histórias pessoais, condicionadas pelas diferenças e desigualdades sociais de muitas ordens, produzem trajetórias diversas para os indivíduos concretos” (ABRAMO, 2005, p.46).

² A tempos atrás, quando os estudos a respeito do tema juventude estavam se iniciando, Pierre Bourdieu alertava para o fato de que *juventude* podia esconder uma situação de classe. Hoje, segundo ABRAMO (2005), o alerta é que precisamos falar de *juventudes* no plural e não de juventude no singular, para não esquecer as diferenças e as desigualdades que atravessam esta condição. Segundo a autora, “esta mudança de alerta revela uma transformação importante na própria noção social: a *juventude*, mesmo que não explicitamente, é reconhecida como condição válida, que faz sentido, para todos os grupos sociais, embora apoiada sobre situações e significações diferentes” (ABRAMO, 2005, p.44).

políticas públicas para a juventude, observando e se relacionando com o conjunto das culturas juvenis presentes na nossa sociedade.

Nesta direção, visualiza-se que um dos maiores desafios para o ensino de Educação Física é o de construir um ensino no qual a cultura jovem possa participar como elemento efetivo da cultura escolar, "como um tempo e um espaço de conhecer, de provar, de criar e recriar as práticas corporais produzidas pelos seres humanos ao longo de sua história cultural, como os jogos, as brincadeiras, os esportes, as danças, as formas de ginástica, as lutas" (VAGO, 1999, p.28).

A cultura jovem, ao participar na construção das práticas escolares da Educação Física poderá levar para o interior destas valores, crenças, sentidos e significados. Estes serão incorporados pela disciplina e, segundo FORQUIN (1993), serão igualmente submetidos aos elementos constitutivos da cultura da escola em que se realizam, dentre os quais os rituais, regras, tempos, espaços, valores e, centralmente, os interesses e a história dos sujeitos.

A possibilidade desta inserção enfatizou a relevância de se investigar o sujeito jovem e o cotidiano das aulas, ambos elementos fundamentais da disciplina de Educação Física, levantando a seguinte problematização:

Qual é o significado da cultura jovem na constituição da Educação Física como disciplina escolar?

Pode-se afirmar que esta investigação enquadra-se no domínio científico pertinente ao campo de estudos das Disciplinas Escolares, reconhecendo, conforme os estudos de CHERVEL (1990), que a natureza "disciplinar" implica uma estrutura própria e uma economia interna que a distingue de outras entidades culturais.

- PRÁTICAS ESCOLARES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: dialogando com o Campo de estudos das Disciplinas Escolares

O campo de estudos das Disciplinas Escolares, segundo CHERVEL (1990, p.220), mostra que "a disciplina é, por sua evolução, um dos elementos motores da escolarização, e que se encontra sua marca em todos os níveis e rubricas da história tradicional do ensino, desde a história das construções escolares até as políticas educacionais ou dos corpos docentes". Neste sentido, o processo de escolarização dos jovens no ensino médio é composto, dentre outros elementos, pelas especificidades das disciplinas, dentre as quais destaco a Educação Física. Estas especificidades (questões e sentidos), ao mesmo tempo que integram a história dos contextos escolar e educacional em geral, são constituídas por elementos destes contextos. Além disto, a cultura jovem também pode conferir sentidos à Educação Física, sendo constituinte da disciplina e, conseqüentemente do processo de escolarização.

Assim, analisar o significado da cultura juvenil na construção da disciplina Educação Física é um imperativo que se justifica como objetividade histórica concreta, seja em relação às demandas educacionais da própria sociedade brasileira, seja em sua inserção como constitutiva da disciplina de Educação Física.

Em um segundo patamar de interlocução, verificado após a vivência do movimento da teoria/pesquisa empírica, situada no "contexto da descoberta" na e da escola, particularmente na observação das manifestações da cultura jovem em relação às práticas escolares da Educação Física que lá se constituíam, foi possível apontar para a segunda questão norteadora desta pesquisa, que é:

Como se dá o enredamento de práticas culturais juvenis com as práticas escolares de Educação Física em determinado contexto de escolarização?

Enredamento, neste caso, pode ser entendido, segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986, p.658), como "ato ou efeito de enredar (-se). Enredar. 1.

Entrelaçar uns pelos outros. 2. Enredar. 3. Prender, cativar. 4. Tecer, ligar, atar”, particularmente porque as práticas culturais juvenis e as práticas escolares da Educação Física, em sua configuração no contexto da escola pesquisada, se apresentavam como uma verdadeira simbiose. Tornava-se urgente, então, desvelar os modos como estas práticas/culturas se enredam, bem como procurar entendê-los no interior do código disciplinar da Educação Física.

Segundo FERNÁNDEZ CUESTA (1998), são vários os elementos constitutivos do código disciplinar, tais como o currículo, os manuais e as práticas docentes. No entanto, este autor não inclui as práticas discentes como parte deste código, o que, no meu entender, justifica a necessidade de investigar esta possibilidade, especialmente na disciplina de Educação Física, tanto no sentido de buscar as formas como as manifestações da cultura juvenil estão “entrelaçadas; enredadas” nas práticas escolares da Educação Física, quanto de observar o modo como estas práticas foram “enredadas; cativadas” com as práticas da cultura juvenil.

- DESCREVENDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para tratar dessas questões, a metodologia utilizada na pesquisa, orientada pela natureza do objeto, tomou como referência o “modo de investigação” do estudo de caso. Por “modo de investigação” são entendidas “as maneiras como os investigadores decidem considerar os sujeitos observados e a sua situação, o que é feito em função dos objetivos teóricos da sua investigação” (LESSARD-HÈBERT; GOYETTE; BOUTIN, 1990, p.166).

Na perspectiva destes autores, o estudo de caso se caracteriza por um modo de investigação de cunho qualitativo, e seu campo de investigação é “o menos construído, portanto o mais real; o menos limitado, portanto o mais aberto; o menos manipulável, portanto o menos controlado. Nesta posição, o investigador está pessoalmente implicado ao nível de um estudo aprofundado de casos particulares” (ibid, p.169). Ainda, segundo os autores, o investigador deve procurar reunir um maior número possível de informações, recorrendo às técnicas variadas de busca de informações, como as observações, as entrevistas e a análise documental.

Nesta forma de estudo, entre as técnicas utilizadas, optei pela recolha dos dados na observação participante, “onde o próprio investigador é o instrumento principal de observação” (ibid, p.155). Diante disso, procurei transcender o aspecto descritivo da abordagem objetiva e tentei encontrar o sentido, a dinâmica e os processos das práticas e dos acontecimentos, envolvendo-me, progressivamente, nas atividades do local observado, na perspectiva da observação participante passiva, isto é, não como agente nos acontecimentos, mas assistindo-os do exterior.

A minha convivência com o universo das escolas públicas, possibilitou a demarcação e a escolha de uma escola pública da rede estadual do Ensino Médio, na cidade de Curitiba, Paraná, que recebeu, no decorrer deste texto, a denominação de escola pública pesquisada.

A interação estabelecida entre observadora/pesquisadora e o conjunto de atores e sujeitos observados/pesquisados desta escola possibilitou-me permanecer, durante os anos de 2003 e 2004, recolhendo dados sobre as formas e manifestações da cultura juvenil neste contexto escolar. Dentre as técnicas de recolha destes dados, os relatos descritos em “notas de campo” foram constituindo informações sobre este local – o campo escolar. São relatos referentes às práticas escolares de Educação Física, aos atores, sujeitos jovens escolares e professores, e a minha percepção da situação em que eles vivem e de suas expectativas e suas necessidades.

As outras duas técnicas utilizadas para a recolha de dados foram a análise documental (documentos escritos, fotografias e filmes de vídeo) e as entrevistas “semi-

estruturadas”. Os procedimentos utilizados para a realização das entrevistas mantiveram alguns “cuidados” necessários e exigidos para o alcance a que se propõem, tanto nas entrevistas com o vereador do bairro, como com os professores de Educação Física e os alunos. Para tal, estabeleceu-se contato prévio e procurou-se criar um clima amistoso, explicando as finalidades da pesquisa, e sua importância. Ainda foi solicitado aos entrevistados o consentimento para gravar as entrevistas e fazer sua transcrição literal, sempre que necessário, ressaltando o caráter estritamente reservado para o objetivo da pesquisa.

A junção das três técnicas serviu como fonte de informação que permitiram investigar vários aspectos do mesmo processo estudado, configurando uma triangulação dos dados e fazendo com que as descobertas e as conclusões pudessem ser apresentadas de modo a formar um conjunto de comprovações. Concomitantemente ao trabalho de pesquisa empírica, o trato com a teoria e sua articulação ao campo científico deste trabalho indicaram algumas referências conceituais básicas, dentre as quais destaca-se a constituição do sujeito jovem.

- A ESCOLA E AS FORMAS VIVIDAS DAS “EXPERIÊNCIAS SOCIAIS” DOS JOVENS

A trajetória da investigação possibilitou-me entender como se enredava a presença de determinadas práticas culturais juvenis nas práticas escolares da Educação Física, num determinado processo de escolarização. A compreensão destas formas de enredamento permitiu buscar o significado atribuído à cultura jovem na constituição da Educação Física como disciplina escolar, tomando a cultura e a condição juvenil como “textos invisíveis” do código disciplinar da Educação Física.

Neste sentido, a pesquisa permitiu dar visibilidade a estes “textos invisíveis”. Para isto, o ponto de partida foi o pressuposto do jovem como uma construção sociocultural e como sujeito do universo escolar. Buscou-se entender a categoria “juventude” como resultado de uma certa convergência antropológica e sociológica da cultura, entendida “como modos de vida global e sistemas de significações” (WILLIAMS, 1992). Assim, entende-se que a juventude compartilha entre si modos de vida e sistemas de significações próprios que constituem uma cultura em comum da juventude.

Partindo deste pressuposto, a pesquisa permitiu que o jovem se tornasse visível como um elemento do código disciplinar da Educação Física, mesmo que, segundo FERNÁNDEZ CUESTA (1998), suas práticas juvenis, no contexto escolar, se constituíssem como “textos invisíveis”. A constituição da identidade histórica e cultural do jovem no contexto escolar- que lhe atribui a identidade de ‘sujeito jovem escolar’- foi viabilizada pelo diálogo, proposto nesta pesquisa, entre os estudos de BOURDIEU (2003) e de MARGULIS e URRESTI (2000).

A perspectiva de que a juventude compartilha uma cultura que permite identificá-la individualmente no contexto escolar possibilitou encontrar o jovem escolar entre os outros sujeitos que constroem o universo da escola, entre eles, os professores, os assistentes técnico-administrativos, os auxiliares de serviços gerais. Ao fazer isto, criou-se uma categoria de análise que permitiu pesquisar a condição do jovem em situação escolar e suas possibilidades de relação com o universo da escola bem como os saberes e práticas da Educação Física.

O segundo ponto que permitiu dar visibilidade a estes “textos invisíveis” na disciplina da Educação Física Escolar, foi a própria natureza desta pesquisa: um estudo de caso realizado em uma escola pública de Ensino Médio. Desta forma, pude conviver com o sujeito jovem no universo escolar e apreendê-lo nas suas interlocuções com os sujeitos do

universo não-escolar, podendo compreender como se dava a simbiose entre as diferentes práticas – a prática escolar e as práticas da cultura juvenil.

Nesta convivência, pude detectar, pelo menos, duas faces desta interlocução. A primeira delas refere-se à forma como a escola, por meio das práticas escolares da Educação Física, acolheu a cultura juvenil. Este acolhimento traduziu-se numa identificação (idêntica) entre as práticas escolares da Educação Física e uma manifestação da cultura juvenil – o esporte futebol. Esta identificação foi viabilizada, porque os conteúdos escolares da Educação Física, bem como as finalidades deste ensino numa perspectiva mais orgânica e contemporânea, foram desconsiderados no cotidiano das práticas escolares.

A segunda face da interlocução explicita-se na e pela negação que a escola fez de si própria. Esta, ao tornar idêntico o conteúdo trabalhado na disciplina de Educação Física e um tipo de manifestação da cultura juvenil e não enfatizar o conteúdo científico desta disciplina, retirou-se de uma das suas finalidades precípuas, que é a socialização e produção do saber. Esta negação revela a predominância de uma perspectiva mais reprodutivista do conhecimento.

O terceiro ponto que possibilitou visualizar os “textos invisíveis” constituiu-se pela articulação entre os diferentes procedimentos e objetos de análise – a observação do universo escolar, a recolha de depoimentos e a pesquisa em documentos. A análise articulada deste conjunto de dados confirmou a interlocução identificada anteriormente e permitiu melhor caracterizar a forma específica pela qual se dava o enredamento das práticas escolares da Educação Física com a cultura juvenil.

Neste caso, a análise fundamentou-se no conceito de código disciplinar, o qual viabilizou a articulação entre as práticas escolares da Educação Física (“textos invisíveis”) e os “textos visíveis”, fornecendo as condições para que se pudesse detectar as contradições existentes entre eles.

Estas contradições se manifestaram, por exemplo, na forma fragmentada das práticas escolares da Educação Física e na relação que se estabeleceu entre a lógica da prática escolar da Educação Física e a lógica da ação das práticas juvenis. Nesta dialética da fragmentação pude perceber dois momentos contraditórios.

O primeiro é o momento “lacunar”, característico do pessimismo que se instaura hoje no processo educacional brasileiro. A Escola, no contexto atual de globalização, mediante as propostas neoliberais presentes no sistema educacional brasileiro, torna-se uma Escola mínima. Isto significa, em termos gerais, a crescente e gradativa precarização das condições físicas e pedagógicas do universo escolar, gerada pela falta de recursos financeiros, humanos e pedagógicos. Neste sentido, a visão neotecnicista (economista) de Educação enfatiza a preparação do cidadão para o mercado de trabalho, tendo em vista as mudanças tecnológicas do processo produtivo, as quais, segundo BRACHT (1999), fazem com que se possa prescindir, hoje, da Educação Física Escolar, não lhe reservando nenhum papel relevante que justifique investimentos públicos nesta área.

Além disto, o crescimento da oferta de consumo dos serviços privados ligados às práticas corporais, fora do âmbito da escola e do sistema tradicional do esporte, como as escolas de natação, academias, escolinhas de futebol, judô, voleibol, etc., tem permitido outros tipos de acesso à iniciação esportiva e às atividades físicas. É isto que também tem dificultado legitimar a Educação Física Escolar numa perspectiva crítica da Educação.

Estes dois processos – a pauperização do ensino público e a oferta da iniciativa privada para realização das atividades físicas – constituintes do pessimismo vivenciado na EPP levaram as práticas escolares da Educação Física a se igualarem às práticas dos alunos. Deste modo, os jovens foram impedidos de se apropriarem das práticas escolares

da Educação Física na dimensão que a perspectiva da cultura corporal de movimento precisa assumir, criticamente, na vida do cidadão.

Ao fazer isto, a escola se subalternizou às influências de uma cultura política conservadora, implícita nos Jogos Escolares do Bairro (JIBA), o que legitimou as práticas escolares de Educação Física como elementos constitutivos do código disciplinar, particularmente sob o prisma conservador da aptidão física e do modelo esportivo, valorizando muito mais a emulação e os valores cívicos do que um conhecimento crítico das práticas corporais.

No entanto, esta dialética da fragmentação apontou para uma segunda contradição, qual seja, a do momento do otimismo. Foi possível indicar esta contradição porque a própria pesquisa ofereceu pistas para entender que a homogeneidade suposta em um modelo de Escola desaparece diante da heterogeneidade das práticas e dos significados atribuídos à Escola pelos sujeitos deste universo.

Ademais, o processo de pesquisa, ao atribuir conteúdos para “olhar” a escola, permitiu que ela pudesse ser entendida como um espaço de “experiência social” (DUBET, 1994). Como se viu na escola pesquisada, este “lugar” foi ocupado pelos sujeitos jovens, que empurraram para dentro dele suas vozes, seu modo de ser e viver, sua cultura.

É possível afirmar que esta pesquisa pode descortinar um universo qualitativamente novo para os estudos da Educação Física Escolar, criando a possibilidade de se encontrarem outros elementos presentes na condição juvenil e em suas práticas corporais.

Neste estudo de caso, esta visibilidade do jovem como sujeito histórico social e cultural só foi possível porque a observação de cunho participante permitiu a compreensão das práticas escolares na perspectiva da totalidade, não como um conhecimento prático, mas como um processo de produção do próprio trabalho intelectual. Evidenciou-se, com esta trajetória da pesquisa, que o pesquisar o dia-a-dia dos jovens no interior da escola exige mais aprofundamento dos estudos e pesquisas.

Torna-se importante “olhar” e verificar em outras situações de escolarização como se apresentam e/ou se enredam elementos da cultura juvenil com práticas escolares, construindo formas específicas de as *juventudes* expressarem suas diferentes condições juvenis em processo de escolarização.

É preciso levar em consideração, de um lado, que as disciplinas escolares se constroem com a participação da cultura juvenil – no chão da escola – e nas relações com os diferentes elementos que compõem o código disciplinar da Educação Física. De outro, pode-se reafirmar que Escola também “cria” *juventudes* e culturas juvenis que se destacam nos caminhos e nos modos que dão sentido às formas de viver e à condição de juventude. Isto não pode ser mais ocultado no e pelo processo de escolarização.

Ao se considerar o jovem e sua cultura sob a ótica da vivência da condição juvenil, como elementos do código disciplinar da Educação Física, é necessário entendê-los sempre numa perspectiva relacional, seja com as práticas escolares, seja com os conteúdos ou com os elementos deste código disciplinar, articulando-os aos modos de educar e aos contextos históricos de cada sociedade.

- REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, W.H. ; BRANCO, P. M. (Orgs) **Retrato da Juventude Brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.p.37-72.
- BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- _____. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. In: SOARES, C. L. (Org.) **Caderno CEDES – Corpo e Educação**. Campinas:UNICAMP, n.48, p.69-88,1999.
- BRASIL ONLINE - **Parecer do Conselho Nacional de Educação n.15/98** (de 01 de junho de 1998, sobre as Diretrizes Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em: <<http://ww.mec.gov.br>> Acesso em: 20 de jun.2003.
- _____. **Pesquisa Fundação SEADE**. Disponível em : <<http://www.inep.gov.br>> Acesso em: novembro de 2003.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e educação**, Porto Alegre, Pannonica, n.2, p.177-229, 1990.
- DUBET, F. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- DUBET, F.; MARTUCCELLI, D. **En la escuela: sociologia de la experiencia escolar**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1997.
- ERICKSON, F. Métodos cualitativos en la investigación de la enseñanza. In: WITTROCK, M. **Handbook research on teaching**. New York: Macmillan Publishing Company, 1986.
- FERNÁNDEZ CUESTA, R. **Sociogênesis de una disciplina escolar: la Historia**. Barcelona: Ediciones Pomares, 1997.
- _____. **Clío en las aulas : La enseñanza de la História en España entre reformas, ilusiones y rutinas**. Madrid: Ediciones Akal, S.A., 1998.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa 2.ª edição**, Rio de Janeiro: RJ: Nova Fronteira, 1986.
- FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FORQUIN, J. C. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria e educação**. Porto Alegre: Pannonica, n.5, 1992. p.28-49.
- LESSARD-HÉBERT, M.; GOYETTE, G.; BOUTIN, G. **Investigação qualitativa: fundamentos e práticas**. Lisboa: Artes Gráficas LTDA, 1990
- MARGULIS, M.; URRESTI, M; La juventud es más que una palabra. In: ARIOVICH, L et al.; MARGULIS, M. (Ed.). **Ensayos sobre cultura y juventud - La juventud es más que una palabra**. 2.ed. Buenos Aires: Biblos, 2000. p.13-30.
- VAGO, T. M. Intervenção e conhecimento na escola: por uma cultura escolar de Educação Física. In: GOELLNER, S.V. (Org.) **Educação Física/Ciências do Esporte: intervenção e conhecimento**. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.
- WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Cia. Nacional, 1962.
- _____. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Dados completos da autora: Rosicler Terezinha Goedert

Email: rosiclergoedert@yahoo.com.br

Endereço residencial: Rua Paraíba, nº2694 casa 2 - Vila Guaira
80630-000 Curitiba- Paraná